

a vida e a lenda do
sultão saladino
jonathan phillips

Tradução de Luís Santos

 **DESASSOSSEGO**
LIVROS PARA PENSAR

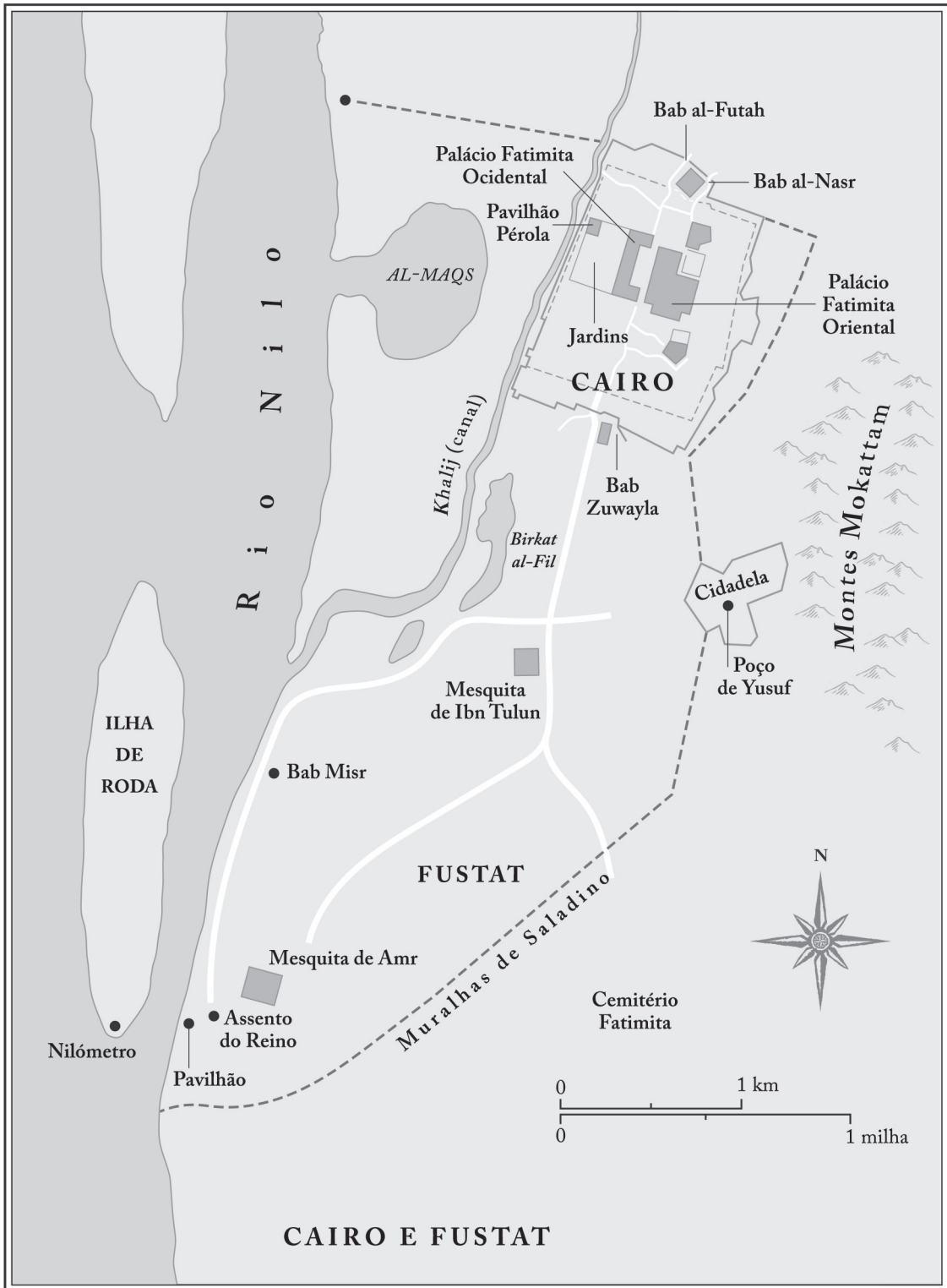
Para a Sophie e para o John



ÍNDICE

<i>Mapas</i>	11
<i>Lista de personagens e um apontamento em relação aos nomes</i>	17
Introdução: Damasco, 2009	21
PARTE I: A VIDA DE SALADINO	29
1 O Próximo Oriente muçulmano e a Primeira Cruzada	31
2 Nur al-Din e a cidade de Damasco	40
3 Nur al-Din e a ascensão da <i>jihād</i>	54
4 Shirkuh, Saladino e a conquista do Egito	64
5 A sucessão de Saladino no Egito	74
6 A caminho da independência: a rutura com Nur al-Din	89
7 A tomada de Damasco: as ambições de Saladino	109
8 Progresso interrompido	121
9 Vitória no vau de Jacó	138
10 Saladino, o Cairo e o rio Nilo	148
11 Progresso na Síria e a incursão de Reinaldo no mar Vermelho	156
12 Preparativos finais: os cercos de Ceraque e de Mossul	168
13 A Batalha de Hatim	182
14 A conquista de Jerusalém	196
15 O cerco de Tiro	214
16 O cerco de Acra, parte I: 1189-90	229
17 O cerco de Acra, parte II: a ameaça do Norte	243
18 A chegada de Filipe Augusto e de Ricardo, <i>Coração de Leão</i> : a queda de Acra	255
19 Batalhas de aço e penas: Arçufe e diplomacia	267
20 1192: Disputas familiares, a Batalha de Jafa e o fim da Terceira Cruzada	284
21 Por fim, a paz	306

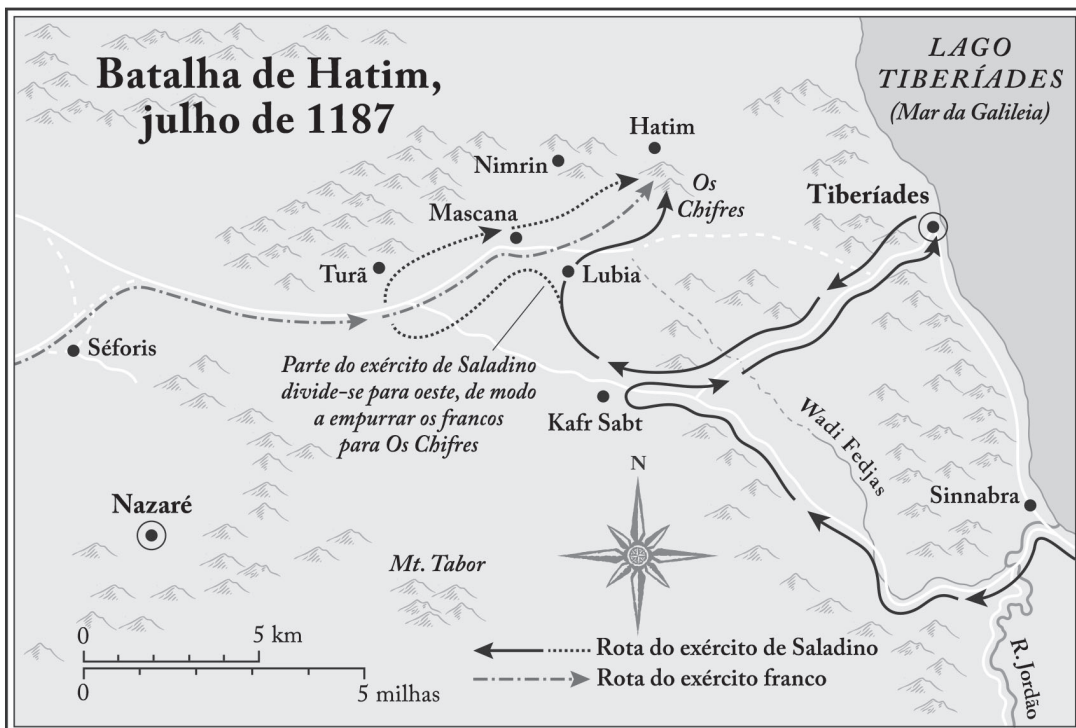
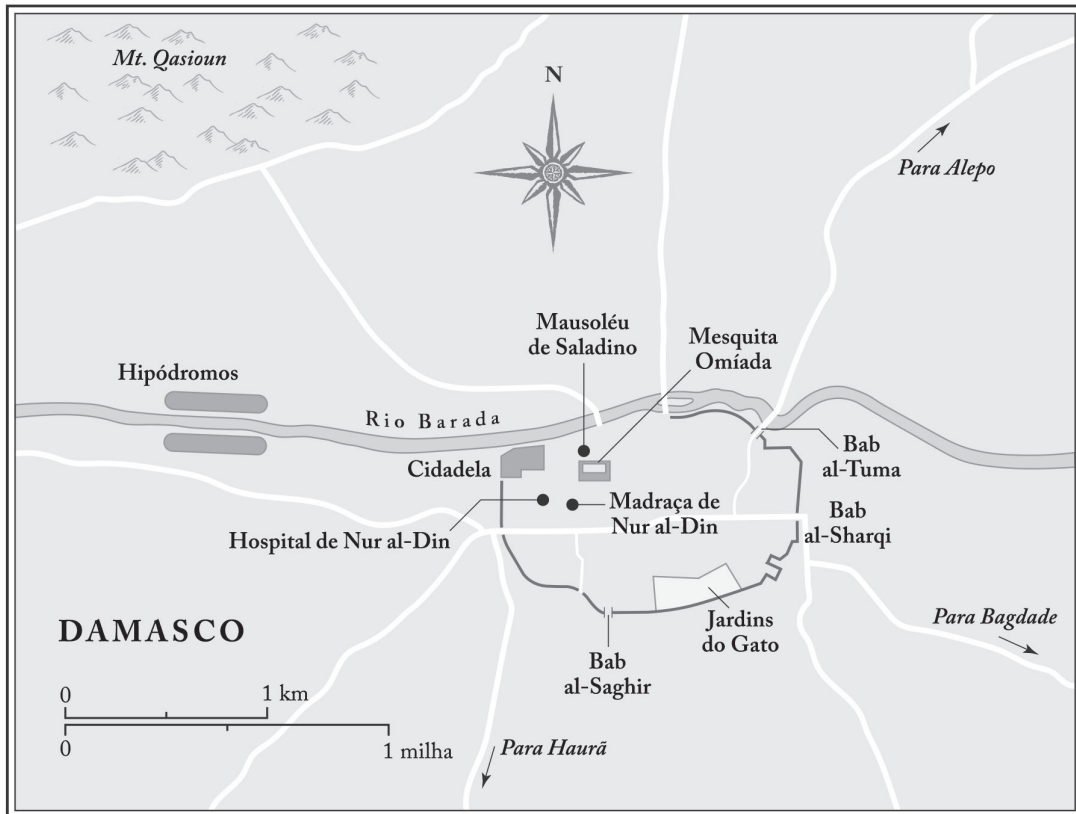
PARTE II: O PÓS-VIDA	313
22 A reputação de Saladino no Ocidente	319
23 A visão oriental: da era medieval ao final do século XIX	333
24 O nacionalismo árabe inicial expresso através do teatro, dos livros e dos jornais	348
25 Lutas pela independência na Síria, no Egito e na Palestina	358
26 À procura de um novo Saladino, c. 1950-2001	369
Conclusão	387
Escrever a história de Saladino	393
<i>Agradecimentos</i>	397
<i>Créditos das ilustrações</i>	399
<i>Bibliografia</i>	400
<i>Abreviaturas</i>	451
<i>Imagens</i>	453
<i>Notas finais</i>	471













LISTA DE PERSONAGENS E UM APONTAMENTO EM RELAÇÃO AOS NOMES

OS LEITORES OCIDENTAIS TERÃO UMA CERTA DIFICULDADE EM DISTINGUIR alguns dos nomes presentes nesta obra. O meu grande objetivo foi promover a clareza, pelo que tendi a adotar a forma simplificada de determinados nomes, ou a usar uma parte distintiva; por vezes também opto pela alcunha, caso exista. Os nomes muçulmanos são uma combinação de nome próprio, linhagem, honorífico parental, honorífico ou título, e imputação (origem geográfica ou étnica, profissão ou atributo distintivo). A decomposição do nome de Saladino resulta num exercício interessante, bom exemplo do que referimos¹: Al-Malik al-Nasir Salah al-Din Abu'l Muzaffar Yusuf ibn Ayyub al-Tikriti al-Kurdi.

Ou seja: o rei que apoia/ajuda (um honorífico); probidade da fé (outro honorífico); pai do vitorioso (honorífico parental); José (nome próprio, na forma corânica de um nome bíblico); filho de Job (linhagem, na forma corânica de um nome bíblico); de Tikrit (indicação de naturalidade); o curdo (indicação de etnia). O nosso «Saladino» familiar é a corruptela latina de «Salah al-Din», assim como o irmão, conhecido entre nós como «Safadino», é uma variação de «Sayf al-Din», que significa «Espada da Fé».

Escolhi ainda o uso da expressão «contracruzada». Isto pode sugerir uma paridade excessivamente rígida nos conceitos de cruzada e de *jihad*. As definições e os debates no corpo do texto estabelecem distinções (bem como as semelhanças) importantes entre as duas ideias. Uma expressão mais correta no contexto dos esforços de Saladino seria «*jihad* antifranca», embora, com a achega indicada, se tenha empregado o mais elegante «contracruzada». Tal como será notório, raramente se utilizarão os diacríticos árabes; com as nossas desculpas aos puristas, a facilidade de leitura sobrepôs-se à prática linguística rígida.

Al-Adid — último califa fatimita xiita (m. 1171).

Al-Afdal — filho mais velho de Saladino.

Amalrico — rei de Jerusalém (r. 1163-74).

- Aiube** — pai de Saladino (m. 1173).
- Balduíno IV** — rei leproso de Jerusalém (r. 1174-85).
- Beha al-Din Ibn Shaddad** — magistrado do exército de Saladino, um dos seus principais oficiais e biógrafos.
- Ibn al-Athir** — historiador de Mossul, de um modo geral bastante pró-zênguida (m. 1233).
- Imad al-Din al-Isfahani** — secretário de Nur al-Din e, a partir de 1175, de Saladino. Acompanhá-lo-ia durante quase todo o resto da vida do sultão; historiador e poeta (m. 1201).
- Imad al-Din Zengui** — sobrinho de Nur al-Din, casado com uma das suas filhas, senhor de Sinjar e importante fornecedor dos exércitos de Saladino.
- Isa al-Hakkari** — instrumental na escolha de Saladino como vizir do Egipto, jurista famoso e conselheiro chegado do sultão (m. 1189).
- Ismat al-Din Khatun** — esposa de Nur al-Din e depois de Saladino (a partir de 1176); morreu em 1186.
- Izz al-Din Mas'ud** — senhor de Mossul, zênguida que resistiu à autoridade de Saladino até 1186.
- Keukburi («Lobo Azul»), Muzaffar al-Din** — senhor de Harã, comandante superior.
- Al-Mashtub («O Marcado»)** — apoiante de longa data de Saladino e general durante o cerco de Acra.
- Nur al-Din** — filho de Zengui e governante de Alepo, Damasco e Mossul; o homem que animou a contracruzada e suposto senhor de Saladino (m. 1174).
- Nur al-Din Muhammad** — governante turco artuquida de Hisn Kayfa e de Diyar Bakr, aliado de Saladino.
- Qadi al-Fadil** — líder da administração fatimita que entrou para a chancelaria de Saladino em 1171 e pertenceu ao círculo interno até à morte do sultão; autor prolífico.
- Qaraqush («Melro»)** — antigo oficial fatimita e mestre de obras de Saladino no Cairo, bem como um dos generais em Acra aquando da rendição.
- Al-Salih Ismail** — filho de Nur al-Din e seu sucessor em Alepo (m. 1181).

- Xá de Sanjar** — senhor de Jazirat Ibn Umar e sobrinho de Imad al-Din, senhor de Sinjar.
- Safadino (al-Adil)** — irmão de Saladino e detentor de vários importantes cargos políticos e de aconselhamento. Posteriormente senhor da Síria e do Egito (m. 1218).
- Xauar** — vizir do Egito, responsável pela entrada dos francos e dos sírios no seu país ao procurar consolidar o poder (m. 1169).
- Shirkuh** — tio de Saladino, durante algum tempo vizir do Egito e general de Nur al-Din (m. 1169).
- Taqi al-Din** — sobrinho de Saladino, filho de um irmão mais velho do sultão e um dos seus generais mais importantes (m. 1191).
- Turanxá** — um dos irmãos mais velhos de Saladino (m. 1180).
- Al-Zahir Ghazi** — terceiro filho de Saladino, aparentemente o seu preferido.
- Zengui** — pai de Nur al-Din, fundador da dinastia zênghuida; guerreiro brutal que, em 1144, conquistou a Edessa franca (m. 1146).

INTRODUÇÃO

Damasco 2009



Manhã cedo, num dia de outubro de 2009. Caminho ao longo do trânsito intenso e barulhento da baixa de Damasco quando um cartaz me chama a atenção. Um rosto barbado olha calmamente debaixo de um elmo cónico decorado: Saladino. O texto, em árabe e em inglês, refere uma companhia de dança e indica um local e um horário: a Ópera de Damasco, por um período de 12 noites, que começa, por coincidência, no dia seguinte. Continuo a andar, entrando nas zonas residenciais, mais calmas. Uma produção de dança moderna em torno de Saladino. Não fico convencido de que isso me agrade. Não obstante, à medida que avanço vou ficando mais curioso. Achas mesmo que vais estar muitas vezes em Damasco com este tipo de espetáculo a decorrer? — interrogo-me. Não tens nada a perder. É apenas um serão. Assisto a uma conferência académica e, algures durante o dia, encontro um colega e amigo disposto a acompanhar-me. Compramos bilhetes para a estreia.

À hora do início do espetáculo já está escuro. Sente-se a energia no ar à medida que o público vai entrando no moderno edifício de betão da Ópera; as televisões locais entrevistam o encenador. Depois chegam homens que imagino sejam elementos do governo. Antes do início do espetáculo fazem-se discursos onde se condena Israel, palavras recebidas com agrado pelo público. Começa então a dança, uma produção contemporânea animada com segmentos filmados, associados a representação e a canto. Apresenta a decisão de Saladino recuperar Jerusalém das mãos dos cruzados ocidentais, que a haviam tomado em 1099, e a união do povo árabe contra os líderes cruzados falsos (e, num determinado caso, alcoólicos). Em seguida, uma profusão de espadas e de estandartes representa a Batalha de Hatim, a vitória histórica de Saladino, em julho de 1187, contra os exércitos cristãos. O magnânimo sultão devolve Jerusalém ao Islão e aos árabes, e no momento do triunfo poupa a população a um massacre equiparável ao infligido pelos primeiros cruzados, 88

anos antes. O espetáculo termina com uma dança celebratória, com o público a aplaudir e a aclamar o êxito do seu herói.²

Foi um serão revelador. Não digo que tenha levado a um amor tresloucado pelo género, mas levou-me a pensar no motivo por que tal espetáculo fora encenado, sobretudo na mais destacada sala da cidade, a Ópera Casa de Asad. Hoje em dia, todos os damascenos conhecem Saladino dos manuais escolares e de séries de televisão. Uma bela estátua equestre dele recebe-nos à chegada da cidadela, e o seu complexo mortuário é adjacente à Mesquita Grande da cidade. Contudo, esta representação moderna da história parecia mostrar que a relevância, mais do que histórica, era de uma contemporaneidade urgente. O simbolismo do feito de Saladino, recuperar Jerusalém das mãos do exército ocupante, esteve patente desde o início do serão, com o espetáculo a celebrar um episódio conhecido de todos, de modo a chegar a uma conclusão a que o governo aspira.

Assistir a este musical levou-me a encetar uma jornada que acabou neste livro. Embora descreva a vida e os feitos de um líder guerreiro do século XII, um curdo que foi governar o Egito, a mais rica terra do Próximo Oriente; que usurpou o território sírio ao seu senhor; que conseguiu juntar uma coligação frágil de modo a derrotar os estados cruzados e recuperar Jerusalém para o Islão — resistindo depois ao poderio do rei Ricardo, *Coração de Leão* —, este livro não foi inspirado pelo passado mas pelo presente.

Tal como viria a descobrir nos anos que se seguiram à minha visita a Damasco, a Síria não é, de todo, o único sítio onde o legado de Saladino continua de boa saúde. Com efeito, nos últimos anos, o sultão tem vindo a surgir nas mais variadas formas — tanto no Médio Oriente como no Ocidente —, quase todas brilhantemente positivas. Alguns anos depois da produção em Damasco, o Festival de Artes de Balbeque, no Líbano, apresentou um musical chamado *Dos Tempos de Saladino*. Um jornal local resumiu o espetáculo da seguinte forma: «Nesta representação do conflito entre o Ocidente e o Oriente, aquele opõe-se à justiça, à correção, à coragem, à sabedoria e à bondade. Saladino, por outro lado, é perfeito.»³ Em Oslo, a Casa da Literatura organiza o evento anual «Dias de Saladino», um encontro inspirado no comportamento misericordioso do sultão face aos defensores de Jerusalém e que tem como objetivo a promoção da tolerância religiosa.⁴ Mais recentemente, em 2014, o Globe Theatre de Londres recebeu *Holy Warriors: A Fantasia on the Third Crusade and the History of Violent Struggle in the Holy Lands*, de David Eldridge. Saladino, elegante e carismático (representado por Alexander Siddig), viajou pelos séculos enquanto símbolo de esperança e de compromisso, antagonizado por um

Ricardo, *Coração de Leão* inflexível (John Hopkins): «É uma tragédia para o nosso povo sermos incapazes de imaginar um futuro diferente, mesmo sopesando os triunfos e os fracassos do nosso tempo», lamentava-se o sultão.⁵

A maior exposição que Saladino teve foi, indubitavelmente, no filme de Ridley Scott *Reino dos Céus* (2005), um *blockbuster* internacional exibido um pouco por todo o mundo ocidental e também alvo de aclamação no Próximo Oriente.⁶ Na esteira do 11 de Setembro, este filme mostrou um esforço claro para atenuar a retórica religiosa na representação feita das cruzadas, dando-lhe roupagens cavaleirescas. Saladino foi representado com gravidade pelo ator sírio Ghassan Massoud, que descreveu o sultão como sendo um herói muçulmano que «devolveu o orgulho e a dignidade aos árabes e aos muçulmanos, um exemplo para o nosso povo, os nossos líderes, a nossa sociedade».⁷ Anos depois, Saladino foi o tema central de uma série de animação destinada às crianças malaias, encomendada pelo primeiro-ministro de então, mais tarde traduzida para inglês. Saladino aparecia aqui como exemplo para os jovens, tal como anunciado pelos materiais promocionais: «Saladino: o grande herói — corajoso face ao perigo, incapaz de admitir a derrota, engraçado sempre que necessário. Num mundo cheio de perigos, só há um homem que queremos ao nosso lado...»

Com efeito, Saladino tem sido o tema de vários programas de televisão, tanto no Próximo Oriente como no Ocidente. Durante o mês santo do Ramadão, as famílias juntam-se para ver séries. Em 2001 foram transmitidas produções rivais, sírias e egípcias, que dramatizavam os feitos de Saladino. Também foram produzidos documentários na Síria e noutros pontos do Próximo Oriente.⁸ Mais recentemente, a Al Jazeera Egito transmitiu uma série em quatro partes sobre as cruzadas. No Ocidente tivemos *Richard and Saladin: Holy Warriors* (BBC, 2005), *The Cross and the Crescent* (History Channel, 2009) e *The Crusades* (BBC, 2011), bem como um perfil da BBC Radio sobre o sultão, incluído numa série sobre *The Islamic Golden Age*.

Saladino também tem sido fonte de material e de inspiração para músicos contemporâneos. Pouco depois de ter vencido as eleições presidenciais americanas de 2008, o presidente Obama anunciou a intenção de visitar o Médio Oriente. A onda de admiração pelo novo presidente americano levou a que alguns quadrantes temessem que este líder enérgico pudesse ser visto como o salvador de todas as questões árabes. Shaaban Abdel Rahim, um *rapper* extremamente polémico, fez um alerta:

«Bush, que anos desgraçados, fez perder dias e anos.
E Obama, estão a imaginá-lo como Saladino?
O que fará Obama pelas catástrofes de Bush filho e pai?»⁹

Saladino é ainda o tema de *naxides*, uma forma de música vocal sem instrumentos muito popular *online* no mundo islâmico. Algumas canções contam com imagens de *Reino dos Céus* a acompanhar a mensagem: «Ó Salah al-deen, és a esperança pela qual aguardaremos eternamente.»¹⁰

Na segunda parte do livro exploraremos mais aturadamente o significado e a origem desse legado cultural. No entanto, e tal como também veremos, é na arena política que Saladino aparece com mais frequência. À chegada ao Cairo, em 2011, quando promovia a entrada da Palestina para as Nações Unidas, o presidente turco Recep Tayyip Erdoğan foi recebido com as palavras «Bem-vindo, Erdoğan, Saladino», sendo descrito como «Erdoğan, que enfurece Israel, que libertará a Palestina, qual Saladino».¹¹ Na Turquia, Erdoğan aprofundaria o tema. Em 2015, com o primeiro-ministro Davutoğlu, inaugurou na Turquia oriental um novo aeroporto com o nome de Saladino. A cerimónia inaugural permitiu adiantar certos pontos: «Chamaremos Selaheddine Ayyubi a este aeroporto, de modo a enviar uma mensagem de solidariedade e de fraternidade, e a dizer que Jerusalém pertence, agora e sempre, aos curdos, aos turcos, aos árabes e aos muçulmanos.»¹²

Saladino era de origem curda e o discurso de Erdoğan destinava-se, em parte, ao consumo interno, numa tentativa de conquistar o apoio da população curda turca nas eleições que se avizinhavam. Entretanto, em Irbil, capital do Curdistão iraquiano, temos a conceituada Universidade Salahaddin. Nesta região, a imagem do sultão assume o destaque na moeda. Torna-se óbvio que os curdos sentem ainda um enorme orgulho pelo facto de Saladino ter conseguido aquilo que turcos e árabes haviam sido incapazes de fazer: derrotar os cruzados. Há, no entanto, quem expresse a sua frustração. Um exilado sírio na Suécia disse: «Orgulho-me dele, mas também me irrita que não tenha feito nada pelo Curdistão ou pelos curdos.» Claro que, no século XII, Saladino não lutava pelo seu grupo étnico mas pelo Islão (e pela sua família, os aiúbidas). Ao mesmo tempo, o encanto de Saladino atravessava as fronteiras étnicas, incluindo os turcos e árabes no seu exército, algo que ainda hoje se verifica.¹³ O Exército Livre Sírio conta com a «Brigada dos Descendentes de Saladino», ao passo que o ISIS tende a colorir o seu conflito com o Ocidente como sendo uma luta contra os «cruzados».¹⁴ No Egito, em março de 2015, as forças armadas egípcias impuseram à Irmandade Muçulmana uma ordem que bania o nome de Saladino

dos manuais escolares, afirmando que ele poderia ser usado pelos extremistas para incitar à violência.¹⁵ Desde a década de 1920 que Saladino assumiu um papel de destaque nos manuais escolares do Próximo Oriente e do Norte de África, com os seus êxitos morais e militares a estabelecerem um contraste profundo com a ganância imperialista dos ocidentais. A proibição serviu para promover, embora sem intenção, a capacidade de Saladino servir de ponto de união, mesmo no contexto de uma luta político-religiosa no seio de um país muçulmano sunita.

Cumulativamente, graças à política, ao teatro, à música e à televisão, Saladino é hoje detentor de um perfil formidável. Como aconteceu tal coisa? E, apesar de os cruzados serem vistos a uma luz completamente diferente no Próximo Oriente e no Ocidente, é notável que Saladino seja, em grande medida, apreciado de forma positiva em ambas as zonas. Porquê?¹⁶ No Ocidente encara-se a história das cruzadas como sendo algo bastante distante e há muito passado. O homem que derrotou os ocidentais e recuperou Jerusalém, paradoxalmente, é, e tem sido há mais de 800 anos, uma figura merecedora de grande admiração. A marinha britânica batizou um navio da Primeira Guerra Mundial como HMS *Saladin*, e entre 1959 e 1994 o exército britânico contou com um blindado chamado *Saladin* — marcas de todo hostis para a memória do sultão. Os cruzados continuam a ser cavaleiros de antanho, e, na sua cota de malha pesada e desconfortável, o corajoso e impetuoso rei Ricardo leva os soldados para a batalha. Séculos a usar as cruzadas como uma metáfora para uma qualquer boa causa embotaram o gume da espada, e a imagem relativamente benigna de Saladino empurra tudo isto ainda para mais longe. Mas essa visão romantizada e cronologicamente remota é um ponto em que a compreensão de grande parte do Ocidente se afasta, por exemplo, da contínua demanda por um estado palestiniense e pelo controlo de Jerusalém. De um modo mais geral, para o Próximo Oriente muçulmano e árabe, os cruzados foram motivados pela ganância e/ou pelo fanatismo religioso, invadindo e conquistando terras alheias e matando os povos com que se cruzavam. E Saladino foi o homem que os derrotou.

O espetáculo em Damasco levou-me não só a procurar as várias formas como a imagem e os feitos de Saladino foram adotados e transpostos para a era moderna, como também a interrogar-me como se tornou num personagem de tal modo heroico. Tal como escreveu um crítico do filme egípcio de 1963 *El-Naser Salah al-Din*, o problema com a película é o facto de Saladino começar por ser um bom homem, tornar-se um grande homem e acabar como lenda; tal estrutura impede o desenvolvimento do personagem. Todavia, à medida que exploramos a vida e a carreira de Saladino, torna-se notório que

ele, na verdade, era tão capaz de cometer erros, de ser egoísta e cruel como qualquer indivíduo na sua posição. Saladino tornou-se famoso pela sua fé, generosidade, misericórdia e justiça — qualidades pessoais atraentes e que ajudam a explicar o seu êxito. Não obstante, para alguns dos seus contemporâneos ele foi um usurpador que pretendia apenas criar uma base de poder dinástico. E, convenhamos, Saladino foi também extremamente afortunado ao alcançar tais píncaros.

Nas páginas que se seguem espero conseguir transmitir uma breve imagem do homem que dá corpo a estes vários instantâneos, cuja narrativa nos leva repetidamente para lá dos estereótipos grosseiros do «choque de civilizações», do Cristianismo contra o Islão, mesmo que o seu legado nos mergulhe neles uma e outra vez. À medida que criava um império que se estendeu desde o Norte de África até à Terra Santa e à Síria, e além do rio Tigre, no Iraque dos nossos dias, a vida de Saladino tocou um sem-número de indivíduos de uma variedade fascinante de religiões, etnias e vertentes políticas. A sua história esteve prenhe de conflitos sangrentos, mas nem sempre entre as divisões claras de fé, cujos casos eram esporádicos na altura: veremos cristãos contra cristãos e muçulmanos contra muçulmanos. Temos cristãos e muçulmanos a lutarem com outros cristãos e muçulmanos diferentes. Faziam-se tréguas, mudava-se de lado e os conflitos prosseguiram; havia até casos em que os antagonistas coexistiam pacificamente durante algum tempo. Tal como se passa hoje, já na altura a realidade da situação no terreno era sempre bem mais complexa do que parecia à distância — mais do que crenças religiosas díspares, era um *cocktail* de fatores étnicos, políticos, económicos e pessoais.

A combinação destes fatores no Próximo Oriente do século XII daria origem a uma mistura particularmente instável. Hoje em dia, por motivos políticos, Saladino é amiúde apresentado como sendo um homem que uniu os seus povos numa causa comum, mas as condições turbulentas da época só promoviam uma sensação de unidade, ou de objetivo partilhado, muito ténue. O maior feito de Saladino foi, sem qualquer dúvida, a criação de uma tal coligação, conseguir controlar a grande variedade de interesses e de prioridades de quem ele juntara, e depois guiá-los à vitória em Jerusalém, em 1187. Claro que, ao conquistar um lugar com tamanho significado religioso com uma tão grande diversidade de indivíduos, a variedade de motivos, nem todos religiosos, rapidamente se perdeu de vista.

O presente livro começa por acompanhar a emergência de Saladino no rico ambiente religioso e cultural do Próximo Oriente. Centra a sua ascensão no contexto da ambição dinástica, da guerra santa e da política familiar, e descreve como Saladino chegou à sua grandiosa e única vitória em

Jerusalém. Narra o confronto épico com os exércitos de Ricardo, *Coração de Leão*, e a Terceira Cruzada, mas vai mais além. Explicamos como, após a sua morte, ele se tornou uma figura de tão grande renome e respeito no Ocidente, e tão importante no Próximo Oriente muçulmano. Acompanharemos o seu percurso através de histórias, poemas e epístolas contemporâneas, e, mais tarde, através de jornais, peças, filmes e romances. Esse esforço levar-nos-á através dos séculos, de regresso à Ópera de Damasco e mais além, até aos nossos dias.



PARTE I
A VIDA DE
SALADINO

1

O PRÓXIMO ORIENTE MUÇULMANO E A PRIMEIRA CRUZADA

«Quantas mesquitas eles transformaram em igrejas!»

Em março de 1132, um grupo de cavaleiros aproximou-se dos portões de Tikrit, uma povoação nas margens do rio Tigre. À frente seguia Zengui, um senhor da guerra turco dinâmico e brutal, determinado a estabelecer uma base de poder no Norte da Síria e no Iraque. A ambição de Zengui e o seu desejo de independência levava-o, amiúde, a entrar em conflito com os seus superiores; a lealdade e a consistência na fidelidade jurada não faziam propriamente parte da sua maneira de agir, um tipo de comportamento seguido por muitos dos seus contemporâneos bem como pelos sucessores. Contudo, por vezes até Zengui era derrotado, e, neste caso específico, ele estava em fuga. Mesmo em tão desesperadas circunstâncias, ele teve um golpe de sorte: o governador de Tikrit permitiu-lhe a entrada na povoação e depois cedeu-lhe barcos e provisões para que escapasse pelo rio.¹⁷

O governador era Najm al-Din Ayyub, que mais tarde viria a tornar-se pai de Saladino. Teria aqui início uma relação que levaria a família aiúbida de administradores locais menores ao poder dinástico dominante no Mediterrâneo oriental e, na pessoa de Saladino, a figura de proa cujo nome seria conhecido desde a Europa ocidental até aos limites da Ásia.

O Próximo Oriente medieval, uma região que ia desde o Egito, passando pela Terra Santa e pela Síria, até à Ásia Menor, a Jazira (que significa «ilha», a área entre os rios Tigre e Eufrates) e à Pérsia, era caracterizado pela mudança e pela divisão. A população, de uma extraordinária variedade étnica e religiosa, vivia, de um modo geral, sob domínio muçulmano, embora a divisão confessional no seio do Islão criasse apenas uma das muitas falhas neste ambiente complexo. No século VII contestava-se quem deveria liderar o povo do Islão após a morte, em 632, do profeta Maomé («califa» significa «sucessor» de Maomé, sendo o líder espiritual e legal dos crentes sunitas). Isto levou à cisão que se cristalizou na divisão entre sunitas e xiitas, que trouxe tanta amargura e tensão desde então.¹⁸ No século XI, esta separação era notória ao nível político

devido à existência do regime abássida sunita, sediado em Bagdade, e da dinastia fatimita xiita, no Cairo. Obviamente, seria falacioso julgar que todos os que viviam em cada uma destas potências eram seguidores da mesma denominação, ou até da mesma fé. As movimentações naturais dos seres humanos causadas pela política, pelo comércio e pelas questões ambientais, a par da vastíssima herança pré-islâmica (de judeus, cristãos, zoroastrianos e pagãos — alguns politeístas e outros monoteístas), adicionavam novos ingredientes à amálgama. Outras fontes de problemas sobremaneira importantes eram as várias formas de Cristianismo oriental, como os ortodoxos gregos, os armênios, os maronitas e os jacobitas, ou, no caso do Islão, as divisões entre os xiitas. No século VIII, uma disputa levou à emergência dos ismaelitas, um grupo que apoiava a pretensão do filho do sexto Imã* de suceder ao pai. O grupo ganhou destaque no Norte de África e tornar-se-ia uma força política na forma da dinastia fatimita, que estabeleceu o Cairo como sendo a sua capital a partir de 969. Tal como veremos mais à frente, no final do século XI surgiria um outro grupo, os Nizaris, afamados como «os Assassinos».¹⁹

Os ambientes urbanos, como os das grandes cidades do Cairo, de Alexandria, Alepo e Damasco, encorajavam o desenvolvimento de uma população poliglota. A rivalidade religiosa podia levar ao conflito, mas, graças ao hábito, à eficiência económica e à indiferença, as pessoas tendiam a tolerar-se. Os momentos de tensão podiam dever-se a um sem-fim de motivos que não a fé, como por exemplo as diferenças étnicas ou os objetivos políticos imediatos; a imensa diversidade linguística, amplificada, nas cidades mercantes, pela presença de comerciantes, criava mais uma camada de complexidade.

No caso do califa sunita de Bagdade, a autoridade religiosa não chegava com todas as letras ao poder político. Durante o início do século XI (décadas de 1020 a 1050), períodos de frio extremo, a par de uma vontade imensa de conquista, levaram os turcos seljúcidas nómadas a abandonar os seus lares na estepe eurasiática central e a deslocarem-se para ocidente. Estes guerreiros duros, recém-convertidos ao Islão, não demoraram a impor o seu poder sobre o mundo iraniano, mesmo sobre o califa, instalando-se por toda a região com as respetivas famílias e o gado. Na década de 1090, o Império Seljúcida estendia-se desde a Terra Santa até Kashpur, onde hoje é a China. Fora razoavelmente coeso durante algumas décadas, mas no início da década de 1090 uma série catastrófica de mortes — tanto homicídios como mortes naturais

* Para os xiitas, o termo «Imã» refere-se a um descendente do Profeta escolhido por Deus para os guiar. Entre os sunitas, o termo é, por vezes, intercambiável com «califa» ou com líder de orações, ou então é usado para honrar um erudito. No presente livro, o termo surge com maiúscula quando usado no sentido xiita.

— destruiu as hierarquias existentes, com os territórios sunitas do Próximo Oriente a fragmentarem-se numa série de entidades políticas regionais com sede nos grandes centros urbanos de Aleppo, Damasco e Mossul. Emergiram ainda outras cidades-estado mais pequenas, como Hamã, Trípoli ou Harã, todas ansiosas por reivindicar a sua independência e impor a sua posição à custa dos vizinhos. Os grupos étnicos familiares como os artuquidas ou os zên-guidas turcos, os hakkaris curdos ou os beduínos (tribos de pastores árabes nómadas) eram alguns dos candidatos a governar uma cidade ou um distrito, ou então a serem absorvidos por uma entidade política maior.²⁰

Este turbilhão constante de povos e credos garantia terreno fértil onde recém-chegados ambiciosos podiam florescer. Os aiúbidas eram curdos étnicos, um clã sediado em torno da pequena cidade de Dvin, no vasto vale do Araxes, no Azerbaijão ocidental (a moderna Arménia). A sua destreza para a guerra montada levava a que fossem desejados para que se juntassem às forças dos vários senhores da guerra turcos seljúcidas da região. A relação entre os turcos e os curdos sempre foi pautada pelo pragmatismo, com fases ocasionais de tensão e de intolerância; de um modo geral, todavia, a cooperação servia bem ambas as partes, daí a posição de Aiube como governador de Tikrit.²¹

Alguns anos depois da sua fuga pelo Tigre, Zengui pôde devolver o favor aos aiúbidas. Embora fosse claramente um guerreiro impiedoso, uma outra faceta fundamental da liderança era a capacidade de fornecer apoio. Em 1137-38, o clã curdo teve problemas em Tikrit. Shirkuh, irmão de Aiube, ofendeu-se com os comentários dirigidos a uma jovem pelo comandante do exército local. Seguiu-se um confronto e Shirkuh matou-o. A posição da família protegeu-o de um potencial castigo físico por parte das autoridades, mas Aiube foi afastado do cargo de governador e o grupo viu-se obrigado a exilar-se; chegava o momento de Zengui retribuir a ajuda. A família procurou o auxílio dele em Mossul e Zengui atribuiu-lhes terras.²²

Entre toda esta agitação, e imediatamente antes de o clã ter saído de Tikrit, nasceu Salah al-Din ibn Ayyub. Embora os ocidentais o conheçam e se refiram a ele como Saladino, estas partes do seu nome têm um significado honorífico, «Digno da Fé, filho de Aiube», um tipo de título muito em voga na época. O seu nome próprio era Yusuf (José), uma escolha ligada ao Corão. A história de Yusuf ocupa a Sura 12 do texto sagrado e narra a sua vida e o seu papel enquanto profeta, filho de Jacob. A dada altura, este personagem pio, calmo e compassivo, dá conselhos que salvam o Egito do desastre, neste caso da fome. A ideia de que um indivíduo chamado Yusuf salva o Egito mostra que isto viria a revelar-se uma escolha presciente por parte da família de Saladino; ao longo da sua carreira, o nome Yusuf foi amiúde empregue em

cartas e poemas sobre ele, muitas vezes para chamar a atenção para os paralelos com o seu homónimo corânico e para promover a sua imagem.²³

Embora Zengui continuasse a combater os seus irmãos muçulmanos, as ambições territoriais levaram-no, inevitavelmente, a entrar em conflito com outros elementos importantes no Levante — os francos (Ifranj ou Firanj em árabe), o termo adotado para os colonos cristãos que, na sequência da conquista de Jerusalém, durante a Primeira Cruzada, em 1099, haviam fundado uma série de estados independentes. Com isso, estes ocidentais, também eles um misto bastante diversificado de italianos do Sul, provençais e europeus do Norte, trariam mais camadas à complexidade cultural e linguística do Próximo Oriente.²⁴

As guerras de Zengui contra os francos adicionaram à conjectura de então uma outra dimensão, a da *jihad*, o conceito que habitualmente se equipara à guerra santa. A ideia da cruzada, uma peregrinação armada com o objetivo de libertar Jerusalém dos muçulmanos, foi inventada pelo papado em finais do século XI. Em contraste, o conceito de *jihad* era um elemento básico da fé islâmica, contido no Corão e no hádice (os ditos do profeta), que remontava à era do profeta, no século VII. A *jihad*, que à letra significa «esforço» ou «luta», existe em duas formas: a «grande *jihad*», o esforço espiritual de cada muçulmano para viver segundo os ensinamentos de Alá, e a «pequena *jihad*», a qual, pelo século IX, se tornara a obrigação comunal e individual de «fazer a guerra defensiva, e depois ofensiva, pelo bem da comunidade».²⁵

O apelo à *jihad* e ao dever de os muçulmanos capazes fazerem a guerra santa viria a constituir parte fundamental do êxito de Saladino nas últimas décadas do século XII, embora mal se visse ainda em finais de 1090, quando os exércitos da Primeira Cruzada chegaram ao Próximo Oriente. A cruzada desenvolvera-se na Europa ocidental, mercê da fusão dos motivos e dos interesses das classes religiosa e nobre. O papa apelou à libertação do Santo Sepulcro, do túmulo de Cristo, e ofereceu a remissão de todos os pecados confessados dos participantes. A nobreza (ou seja, os guerreiros) acorreu em peso a tal mensagem, capturando Jerusalém em 1099. No Próximo Oriente, profundamente fragmentado, não havia uma parceria sequer semelhante entre as classes religiosa e guerreira. Ao mesmo tempo, a desastrosa série de mortes no mundo muçulmano (incluindo o Egito fatimita), no início da década de 1090, eliminou uma certa camada de líderes mais maduros que poderia ter interrompido a cruzada na sua infância. Em 1105, um sábio religioso damasceno chamado al-Sulami foi pregar a *jihad* numa pequena aldeia nos limites da cidade. Arrasou verbalmente os nobres do seu tempo pela incapacidade de defender os súbditos contra os cruzados. Enfatizou ainda o dever que os

homens adultos, livres e saudáveis tinham de participar na *jihad*, insistindo na necessidade de ações espiritualmente corretas — ou seja, a importância da grande *jihad* em relação à pequena, citando o importante teólogo al-Ghazali em defesa dessa sua ideia.²⁶ Seguiram-se ameaças, tanto materiais como espirituais, bem como a descrição das recompensas celestiais e terrenas, sobretudo o saque. Aquando da Primeira Cruzada, a maioria dos muçulmanos da Síria não reconhecera a campanha como sendo, em parte, uma conquista da colonização religiosa, embora al-Sulami frisasse que os recentes avanços cristãos em Espanha e na Sicília pudessem (erroneamente) sugerir um programa mais sistemático de conquista. Em 1105, o público de al-Sulami era ínfimo, resumindo-se a uma mancha de outros eruditos, indicativo de que a mensagem caía em orelhas moucas, mas o texto sobreviveu, com as máximas centrais do seu apelo a ecoarem, décadas mais tarde, por todo o Próximo Oriente muçulmano.²⁷ Em Bagdade, centro do Islão sunita, não se compreendiam os acontecimentos no limite ocidental das terras do califa, nem tampouco havia grande interesse por eles. Bagdade estava mais preocupada com as graves convulsões no mundo seljúcida, eventos a terem lugar bem mais perto da capital.

Identificamos referências intermitentes à cruzada e à *jihad* nas primeiras décadas do século XII. Alguns poetas admoestaram os seus líderes e lamentaram os acontecimentos na Síria e na Terra Santa:

A espada corta e o sangue escorre.
Quantos muçulmanos foram levados?
E quantas muçulmanas viram a sua inviolabilidade saqueada?
Quantas mesquitas eles transformaram em igrejas!
A cruz foi erguida no *mihrab* [o nicho no interior das mesquitas
que indica a direção de Meca].
Ela merece o sangue do porco.
O Corão foi queimado à laia de incenso.²⁸

Num tom mais agressivo, um poeta seljúcida de Bagdade apelou a uma guerra para «fazer bolas das cabeças dos francos e tacos das suas mãos e pés».²⁹ Em 1111, um grupo de eruditos religiosos e de mercadores de Alepo dirigiu-se a Bagdade e irrompeu pelas orações de sexta-feira na mesquita do sultão seljúcida e na mesquita califal. Tais atos de desrespeito calculado marcavam a fúria sentida pela incapacidade de uma reação contra as conquistas francas. Como é óbvio, os governantes muçulmanos da Síria haviam combatido os colonos, embora, claro, de acordo com as suas necessidades políticas individuais. Antes da Batalha do Campo de Sangue, que teve lugar no Norte da Síria em 1119,

verificaram-se indícios de uma certa mentalidade propensa à guerra santa. Na ocasião, um juiz xiita de Alepo pregou às tropas e incitou-as à vitória. Anos depois, Balak de Alepo morreu a combater os francos, com inscrições no seu túmulo a descrevê-lo como um mártir que travou a guerra santa, «líder do exército dos muçulmanos, conquistador dos infiéis e dos politeístas».³⁰

Surgem vestígios mais marcados nos últimos anos da carreira de Zengui, no início da década de 1140. Inscrições encontradas numa madraça (uma escola de teologia e direito onde se formavam os académicos religiosos e os administradores estatais) de Damasco descrevem-no como «o guerreiro da *jiḥad*, o defensor da fronteira, o conquistador dos politeístas e o destruidor dos hereges».³¹ Ou seja, não obstante o facto de ele ter passado a maior parte da sua vida em conflito com outros muçulmanos, as classes religiosas sírias, a seu tempo, veriam nele uma figura capaz de assumir ocasionalmente o papel de guerreiro santo nos confrontos com os cristãos. Em 1137 arrasou um exército franco na Batalha de Montferrand e tomou povoações e castelos no principado franco de Antioquia; no ano seguinte rechaçou uma invasão liderada pelo imperador bizantino João Comneno.³² Contudo, seria em 1144 que viria a desferir o golpe mais fundo até então na contracruzada.

A cidade de Edessa foi capturada em 1098 pelos primeiros cruzados. Um autor sírio posterior descrevê-la-ia como o local que «infligiu grande desgraça aos muçulmanos que a rodeavam (...). Edessa era o centro dos territórios da Jazira», situada numa vasta planície, cerca de cem quilómetros a leste do rio Eufrates.³³ A cidade tinha um lugar importante na história da Cristandade enquanto primeira povoação a converter-se ao Cristianismo com o rei Abgaro, bem como por ser o lugar onde foram sepultados os apóstolos Tomé e Tadeu. A maioria da sua população continuou a ser arménia mesmo após a conquista dos cruzados, embora tivesse havido uma certa mistura com os recém-chegados ocidentais através de casamentos.³⁴

As atividades de Zengui contra os rivais muçulmanos, desenvolvidas até ao rio Tigre, encorajaram o conde Jocelino II, governante de Edessa, a sair da cidade e a viajar muitos quilómetros para oeste. A formidável rede de informações de Zengui deixou-o a par da situação, com o turco a «avançar rapidamente, qual flecha disparada pelo arco ou inundação a seguir o seu rumo», convocando as «tribos dos turcomanos para que o ajudassem e cumprissem as obrigações da Guerra Santa».³⁵ Um exército poderoso sitiou a cidadela de Edessa, com engenheiros especialistas de Coração (Nordeste da Pérsia, atual Irão oriental e Uzbequistão) a criarem um sistema complexo de minas. A 23 de dezembro de 1144, uma secção da muralha colapsou. Os defensores esforçaram-se por vedar a abertura, mas, no dia seguinte, os invasores entraram. A

população aterrorizada fugiu para a cidadela e, no pânico gerado, o arcebispo idoso morreu sob os pés do povo em debandada. Dias mais tarde, a cidade rendeu-se; os homens foram mortos ou torturados, e as mulheres e as crianças foram escravizadas. Destruíram-se igrejas, bem como o caixão de prata que continha as ossadas de S. Tadeu e do rei Abgaro.³⁶

«[Zengi] danou todos com o mal. Capturou a cidade e amaldiçoou-a. Eliminou os seus homens, inverteu as cruzes, exterminou os monges e os sacerdotes, matou os cavaleiros e os heróis».³⁷

A conquista de uma importante cidade franca, efetivamente a capital de um dos seus quatro estados, foi um momento sobremaneira importante para o Próximo Oriente muçulmano, bem como um feito que o califa de Bagdade reconheceu com a atribuição de uma série de títulos honoríficos ao senhor da guerra vitorioso: «Expoente do Islão, o príncipe vitorioso, o ajudante dos crentes.»³⁸

A vitória em Edessa ofuscara as outras vitórias
Com os feitos de Zengui, o Islão renasce
Fizesse-se justiça e ele seria califa
Amanhã invadirá Jerusalém.³⁹

A previsão do poeta quanto a Jerusalém revelar-se-ia equivocada, mas a sensação de triunfo reflete os sentimentos despertados pelo êxito de Zengui. Não obstante, o indivíduo propriamente dito talvez tivesse outro passo mais pragmático em mente. Na segunda metade de 1145 atarefou-se a recolher impostos e a reunir armas de cerco em Balbeque. Houve quem dissesse que o objetivo era travar a guerra santa, mas os rumores ouvidos na cidade próxima de Damasco sugeriam que seriam eles o alvo.⁴⁰ Todavia, outros acontecimentos a leste desviaram-lhe a atenção, e, com Shirkuh, tio de Saladino, entre as suas tropas, foi cercar Qa'lat Jabar, mais de 350 quilómetros a nordeste, à beira do Eufrates. Foi aí que, em setembro de 1146, Zengui teve um fim inesperado, embora previsivelmente violento. Os pormenores variam com os relatos, mas, de um modo geral, ele ter-se-á dedicado a uma sessão intensa de bebida, após o que ficou inconsciente. Algumas versões dizem que foi assassinado por um escravo de origem franca, outras que acordou e viu os criados eunucos a beberem o álcool que sobrara, tendo-os ameaçado com flagelação pela manhã. Temendo pela vida, os criados atacaram primeiro e mataram-no na cama.⁴¹

Grande parte do poder político no Próximo Oriente estava extremamente localizado quando Zengui entrou em cena, mas este foi o primeiro governante muçulmano do século XII a ter a agressividade, a ambição e a capacidade

de enfrentar uma série variada de inimigos. Não obstante ter sido nomeado *atabegue* (tutor ou regente de um jovem príncipe), Zengui garantiu a sua independência dos sultões seljúcidas do Iraque, enfrentou periodicamente o califa abássida e pretendia, sem sombra de dúvida, usurpar o poder aos governantes muçulmanos de Damasco. Mesmo o historiador Ibn al-Athir, acólito da dinastia zênghuida, escreveu que o fundador orquestrara numerosas rebeliões contra o sultão seljúcida Mas'ud «de modo a mantê-lo distraído para que ele [Zengui] pudesse expandir as fronteiras e consolidar o poder».⁴² Nas primeiras fases da carreira reconhecemos alguns sinais débeis de que a *jihad* fazia parte do discurso da época, embora, enquanto indivíduo, Zengui não fosse particularmente reconhecido pela devoção pessoal. A ideia da guerra santa viria a difundir-se de forma mais vasta e sistemática com a geração seguinte de zênghuidas, tendo sido nesse ambiente que Saladino cresceu.

Em 1139, Zengui capturara a cidade de influência damascena de Balbeque, pouco mais de 50 quilómetros a norte. Depois de massacrar a guarnição instalou Aiube, pai de Saladino, como governador. Contudo, o governante damasceno Unur aproveitou a oportunidade criada pela morte do *atabegue* para cercar Balbeque. Assim que o suprimento de água quase se esgotou, a rendição tornou-se inevitável. Em novembro de 1146, Aiube entregou a povoação de Unur em troca de uma mancha de aldeias no campo próximo de Damasco, sendo graças a essas circunstâncias vexantes que a família curda viria a estabelecer-se nos arredores da metrópole síria.

Não demorou que os aiúbidas viessem a ter experiência direta com a *jihad* — no verão de 1148, quando os exércitos da Segunda Cruzada estabeleceram um cerco a Damasco. A queda de Edessa levava os francos a pedir ajuda à Europa ocidental, e, no verão de 1147, os reis de França e da Alemanha partiram, à frente dos maiores exércitos em 50 anos, a caminho do Oriente. Isto suscitou grande preocupação nos territórios muçulmanos, pese embora o facto de a falta de disciplina dos cruzados e a acérrima oposição por parte dos turcos seljúcidas da Anatólia terem minado grande parte da sua força militar antes mesmo de chegarem ao Levante.⁴³ Por esta altura, a antiga aliança entre Damasco e Jerusalém azedara, levando a que, embora a recuperação de Edessa fosse o objetivo original dos cruzados, um conselho de cruzados e francos visse como aceitável atacar Damasco. Em finais de junho de 1148, os exércitos de Jerusalém e dos cruzados ocidentais dispuseram-se a cercar a cidade muçulmana.

Depois do avanço pelos densos pomares que protegiam a cidade, os cristãos detiveram-se frente às muralhas, onde se depararam com forte resistência. Com Jerusalém hostil, os damascenos procuraram a ajuda dos zênghuidas

contra os invasores externos.⁴⁴ Por estranho que pareça, os cruzados haviam levado poucos suprimentos ou equipamentos de cerco, pelo que retiraram, temendo serem apanhados entre os defensores de Damasco e os sírios que se aproximavam. Foi uma tremenda humilhação. Era a primeira vez que havia reis numa grande cruzada, e os pregadores do Ocidente haviam inflamado a esperança de uma vitória. S. Bernardo de Claraval, o maior orador europeu da época, apregoara que «afortunada é esta geração», por tão grande oportunidade de recompensa divina. Absolutamente convencidos de que seguiriam as passadas bem-sucedidas dos heróis da Primeira Cruzada, eles, ao invés, colapsaram debilmente, sem sequer sofrerem uma espécie de derrota épica, de onde clamar uma réstia de heroísmo.⁴⁵

A vitória contra as forças ocidentais foi um imenso incentivo ao moral do Próximo Oriente muçulmano. Os grandes exércitos de cruzados haviam sido, compreensivelmente, temidos, mas agora estavam de rastos. Tal como escreveria um cronista franco: «A partir daqui, a situação dos latinos no Oriente agravou-se marcadamente. Os nossos inimigos perceberam que o esforço dos mais poderosos reis e líderes havia sido infrutífero e os seus esforços em vão (...) a presunção e a audácia [dos muçulmanos] cresceu, assim, de tal maneira que deixaram de reear as forças cristãs e não hesitaram em atacá-las com um vigor redobrado.»⁴⁶ É provável que Saladino, então com cerca de 11 anos, se encontrasse em Damasco durante o cerco. Aiube mudara-se para a cidade após a rendição de Balbeque, em 1146, e os elementos da família participaram no combate com os cruzados, durante o qual seria morto o irmão mais velho de Saladino.⁴⁷

Nesta altura, uma outra figura viria a assumir o destaque no Próximo Oriente muçulmano: o filho mais novo de Zengui, Nur al-Din, que significa «luz da fé», epíteto apropriado para o homem que tanto faria para entusiasmar a contracruzada.⁴⁸

2

NUR AL-DIN E A CIDADE DE DAMASCO

*«Rodeada por jardins, qual auréola
em torno da Lua.»*

Nur al-Din tornou-se uma das personagens centrais na história da contracruzada muçulmana. Viria a exercer uma influência enorme na vida de Saladino durante quase três décadas enquanto suserano, patrono e, mais tarde, rival, servindo, em vários aspetos, de exemplo para muito daquilo que o aiúbida viria a fazer. É descrito como um homem bem-apessoado, de olhos encantadores, alto e trigueiro, com barba apenas no queixo. Era profundamente admirado pela sua piedade, erudição e ascetismo. Também os francos receariam e respeitariam este adversário, ao mesmo tempo um combatente formidável e um grande líder. Diz-se que entrava nas batalhas com dois arcos e duas aljavas, uma escolha de armamento que realçava a sua herança enquanto guerreiro turco, cujo método de combate se baseava nos arqueiros montados.⁴⁹ À semelhança de Zengui, Nur al-Din queria Damasco e desejava tomar a cidade aos seus governantes buridas.⁵⁰

Em breve, a 29 de junho de 1149, mostraria as suas competências militares na Batalha de Inab, no Norte da Síria. Os cavaleiros francos lançaram a sua famosa carga, mas os muçulmanos recuaram deliberadamente, dividiram-se em dois e depois atacaram os inimigos. O resultado foi uma chacina absoluta. O maior guerreiro franco da época era o príncipe Raimundo de Antioquia, um homem que «adquirira uma reputação especial pelo temor que inspirava devido à grande severidade e excessiva ferocidade», mas também ele foi um dos abatidos. Ao encontrarem o seu corpo, o satisfeito Nur al-Din enviou a cabeça de Raimundo ao califa de Bagdade. Começava a impor-se a reputação de Nur al-Din como guerreiro santo, «o Soldado da Guerra Santa, o Campeão da Fé». Inscrições contemporâneas nos edifícios de Alepo exaltam as virtudes da *jiḥad*, embora isso não o impedisse de tentar aumentar o seu poder pessoal e da família à custa de outros muçulmanos sunitas.⁵¹

Em abril de 1150, Nur al-Din levou as suas forças até Damasco, para todos os efeitos em resposta aos apelos dos habitantes da região de Hauran, para que lhes protegesse os rebanhos e as aldeias contra os invasores cristãos.

Tal como antes, os líderes damascenos continuavam a rezear as intenções dos estranhos, pelo que regressaram à anterior política em que pediam ajuda aos francos e a Jerusalém. Inevitavelmente, tal deixou-os à mercê das acusações de que estariam em conluio com os infiéis e de que não protegiam o seu povo nem faziam a guerra santa: «Que desagradável aos olhos de Deus.»⁵² Em maio de 1150 chegar-se-ia a uma solução diplomática, pois Ibn al-Qalanisi, político e autor damasceno, diria que Nur al-Din, num grande contraste com a abordagem do pai, não estava disposto a derramar o sangue muçulmano. Se enveredarmos pelo cinismo, podemos dizer que a hipótese de se conseguir tomar uma praça-forte como Damasco — e que, provavelmente, seria reforçada por tropas de Jerusalém — era ínfima. A tensão inerente entre quem dizia combater os inimigos da fé, mas, não obstante, declarava guerra a outros muçulmanos sunitas é recorrente nesta narrativa, sendo um tema que se revelaria particularmente duro para Saladino.

O reconhecimento do domínio de Nur al-Din e a inserção do seu nome no *khutba* — o discurso ritual apresentado durante o sermão de sexta-feira, que incluía a invocação dos líderes reconhecidos da comunidade, tais como o califa e também o emir ou o sultão — garantiram-lhe o controlo nominal de Damasco. O seu nome também foi cunhado na moeda, o outro sinal de autoridade típico (o *sikka*). Apresentou figuras destacadas da cidade com vestes chamadas «mantos de honra» como marca da sua submissão, com os pobres e os necessitados também a receberem presentes. Tratava-se de uma prática comum para um governante, sendo um comportamento que Saladino elevaria a níveis vastíssimamente superiores. A chegada de alguns dos conselheiros religiosos de Nur al-Din à cidade foi mais um sinal dos seus objetivos a longo prazo, embora, por enquanto, o poder do emir nesse campo continuasse a ser, em grande medida, teórico.

Um ano depois, em abril de 1151, as tropas de Nur al-Din voltaram a marchar a caminho da cidade. Ibn al-Qalanisi proclamou mais uma vez que o aspirante a governante nutria uma escrupulosa aversão à morte de muçulmanos, dando prioridade à guerra contra os politeístas (francos). Após mais uma ronda de negociações estabeleceram-se tréguas, um processo que levou a um papel destacado para os aiúbidas, os quais se encontravam na curiosa posição de terem um irmão (Shirkuh) no campo de Nur al-Din e o outro (Aiube, pai de Saladino) a viver sob a autoridade damascena. A entrega de Balbeque, por parte deste, a Unur, em 1146, foi mero pragmatismo, e não traição, e, com ajuda de um destacado jurista local, os irmãos formularam um tratado, exemplo precoce da competência diplomática da família.⁵³

Tudo esteve bem durante um breve período, mas em 1153 os francos

sitiaram o porto vital de Ascalão, a única cidade costeira que permanecera em mãos muçulmanas, embora sob a autoridade do regime xiita fatimita egípcio. O local era também importante devido ao santuário de Hussein, neto do profeta e filho de Ali, o primeiro Imã xiita.⁵⁴ Agora, contudo, a cidade enfrentava uma grave crise com o assalto franco, que incluía um bloqueio naval.⁵⁵

Nur al-Din e os damascenos puseram de lado as diferenças com os fatimitas, na esperança de impedir que os cristãos se apoderassem da poderosa cidade, mas antes de porem em prática o plano iniciou-se uma querela. O mais provável seria que Ascalão caísse de qualquer maneira, tal a intensidade do cerco, mas a divisão não ajudou de todo. Passados sete meses, em agosto de 1153, a cidade capitulou, marcando um feito sobremaneira importante para os francos e garantindo um estímulo do moral após o fracasso da Segunda Cruzada, cinco anos antes.⁵⁶

O cancelamento da campanha prometida foi a gota de água para Nur al-Din. Ibn al-Qalanisi relatou que as dissensões políticas continuaram a agravar-se com uma série de alterações entre a elite governante, prova de uma crescente instabilidade.⁵⁷ Nos primeiros meses de 1154, Nur al-Din levou a cabo um bloqueio económico, outro meio de criar pressão. Os preços dos cereais subiram em flecha, com os pobres e os oprimidos a serem profundamente afetados. Shirkuh levou uma guarda avançada para sul e, a 25 de abril, Nur al-Din juntara-se a ele em Damasco. Rebentaram confrontos, mas a resistência foi débil, pois a falta de alimentos e a desaprovação quanto à relação próxima entre o regime e Jerusalém teve os seus efeitos. Uma judia estendeu uma corda e um dos soldados desfraldou o estandarte de Nur al-Din acima das muralhas. Depois, um lenhador rebentou com os ferrolhos do grande Portão Oriental, as portas foram escancaradas e os guerreiros de Nur al-Din irromperam pela cidade. O povo recebeu-os calorosamente e o emir assumiu rapidamente o controlo, prometendo segurança à chefia e agindo com firmeza de modo a impedir pilhagens.⁵⁸

Nur al-Din aproveitou as primeiras orações de sexta-feira após a tomada do poder para confirmar a abolição dos impostos que iam contra o Corão, bem como dos que, pura e simplesmente, não eram populares, incluindo os que visavam o mercado de melões e o mercado de legumes, a par dos impostos sobre o uso dos canais.⁵⁹ A eliminação de imposições financeiras detestadas de um regime anterior é normal entre a maioria dos novos governantes, sendo o gesto recebido com entusiasmo e esperança de melhores tempos. No caso de Nur al-Din, o desejo de melhorar as condições de vida dos damascenos revelou-se genuíno, com isso, a par da política de promoção das bases religiosas, a tornar-se o traço distintivo do seu governo doméstico.

Sob a sua autoridade, Damasco tornar-se-ia o centro da contracruzada. Uma das mais antigas urbes continuamente povoadas, remontando a mais de 3000 anos, é uma das grandes cidades do mundo, um lugar saturado de camadas sucessivas de história, um passado notório nas suas ruas estreitas, becos, minaretes, mercados e monumentos. Proeminente durante os períodos assírio, persa, helénico e romano, com a ascensão do Islão tornou-se um centro do califado omíada entre 661 e 750. Os abássidas dominariam depois a cidade, seguidos pelos fatimitas, e na segunda metade do século XI um ramo dos grandes Seljúcidas deslocou-se para leste, impondo-se em grande parte da Síria e tomando Damasco em 1076. Décadas mais tarde tornar-se-ia a base dos Buridas, uma dinastia turca semi-independente que procurou manter-se livre de outras potências locais, como Alepo e o reino de Jerusalém.⁶⁰ Com um passado de tal modo caleidoscópico, a população era um cadinho religioso e étnico de sunitas e xiitas, judeus e cristãos orientais, árabes, beduínos e turcos.

Os autores medievais gabaram a sua beleza e, sobretudo, a sua santidade; era o Paraíso de Deus na Terra. Posteriormente seria o lugar aonde Saladino mais vezes regressava, o sítio em que ele e a família claramente se sentiam em casa.⁶¹ A cidade ergue-se numa planície poucos quilómetros a sul da imponente montanha de Qasioun, celebrada como o lugar de nascimento de Abraão, ficando na mesma encosta uma gruta com vestígios do sangue de Abel, conhecida como Gruta do Sangue. Embora o nome de Damasco não seja mencionado no Corão, houve autores que a associaram a versículos do texto sagrado. A tradição refere-a como sendo o palco da chegada do Messias antes do Dia do Julgamento, havendo quem afirme que tal terá lugar na Grande Mesquita Omíada, um dos locais mais sagrados do Islão. Alguns autores estabelecem que foi em Damasco que Deus albergou Jesus e sua mãe, tendo igualmente sido o local onde foram a enterrar companheiros do profeta, como por exemplo o seu muezim, bem como membros da família, entre eles Rocaia, filha de Ali.⁶²

Aos pés de Qasioun corre o rio Barada. Este precioso curso de água nasce na cordilheira do Antilíbano, cerca de 25 quilómetros a noroeste, correndo por uma garganta até um vale fértil, espalhando-se aí e dando vida a uma área com cerca de 30 quilómetros quadrados, onde se situa a cidade. Nos tempos medievais, o rio também alimentava dezenas de canais de irrigação que serviam uma vasta cintura de pomares que quase rodeavam a povoação. Um visitante da década de 1180 ficaria maravilhado ao ver que a cidade era «rodeada por jardins, qual auréola em torno da Lua (...) para onde quer que se olhe, por todos os lados, a fruta madura prende-nos a atenção».⁶³ Imagens do século XIX mostram um panorama semelhante, e, mesmo na era moderna, a

partir da montanha Qasioun vemos renques de árvores à distância, obrigadas a recuar pelos subúrbios da cidade moderna.

Uns 40 quilómetros a sudoeste da cidade, o poderoso monte Hérmon (com cerca de 2700 metros de altura) e os montes Golã criam uma barreira formidável entre o mar Mediterrâneo, situado a meros 75 quilómetros a oeste. Mais a norte temos a maior parte da Síria, com, na margem do rio Orontes, as cidades de Hamã e de Homs e, cerca de 350 quilómetros a norte, a outra grande metrópole síria, Aleppo. Os viajantes que se dirigem ao sul de Damasco atravessam a região de Haurã, onde o fértil terreno vulcânico promove o cultivo de trigo, dando depois lugar a uma paisagem mais agreste até à Transjordânia. A leste de Damasco, o rio Barada, grande criador de vida, desagua num lago que irriga outra extensão de rica terra agrícola, a qual vem a ceder lugar a pradarias secas e, depois, ao deserto.

O comércio e a peregrinação ajudaram a moldar a cidade, neste caso por Damasco ser um dos principais locais de congregação das caravanas que faziam a *haje*, dirigindo-se para sul, até Meca e Medina, na península árabe. Eram muitas as rotas comerciais, de paragens distantes como a Índia, que atravessavam a Jazira, com os bens aí produzidos, bem como na Anatólia e no Norte da Síria, a chegarem a Damasco, onde poderiam ser canalizados para oeste, até aos portos francos na costa, ou para sul, para o Egito, a Arábia e o mar Vermelho.⁶⁴

Graças à combinação de vontade política e religiosa, Nur pôde criar uma cidade que se tornaria impulsionadora da *jihad*. Com Jerusalém nas mãos dos infieis, Damasco dispôs-se a criar a energia espiritual necessária para a recuperar; ao fazê-lo suplantou Bagdade como principal centro do pensamento religioso sunita da época. Tão poderosa combinação entre religiosidade profunda e importante localização estratégica viria a exercer uma grande atração sobre Saladino.

A cidade muralhada de Damasco tem uma forma aproximadamente oval, com cerca de 1600 metros de comprimento por 900 metros de largura. Dez portões pontuam esta cintura, com a velha artéria romana conhecida como «a Rua Chamada Direita» a dividir a cidade num rumo oeste-leste logo abaixo do centro; a maioria dos principais edifícios situa-se a norte desta linha. Já então, as estruturas dominantes eram a cidadela e a Grande Mesquita Omíada, a joia da coroa, também conhecida como Mesquita Congregacional, uma construção admirada por todos ao longo dos séculos. O peregrino espanhol Ibn Jubayr ficou maravilhado quando a visitou em 1184: «É uma das mais celebradas mesquitas do mundo, tanto em beleza como em perfeição de construção e decoração maravilhosa e sumptuosa.»⁶⁵ Obviamente, uma instituição de tal

dimensão e prestígio seria um centro espiritual, encontrando-se entre as mais sagradas mesquitas islâmicas. À semelhança de qualquer outra, a mesquita era palco de venerações diárias, mas também servia de repositório de objetos sagrados, bem como de base para pregadores, recitadores, juristas, teólogos e professores. Ali se encontravam para veneração objetos preciosos como o Corão de Otomão (companheiro do profeta e o terceiro califa), que em 1148 inspirou a defesa da cidade contra a Segunda Cruzada, ao passo que o relicário com a cabeça do profeta que ficou conhecido entre nós como João Batista se encontra na sala de oração principal.⁶⁶

O pátio central é uma vasta zona aberta, com 50 metros de largura e mais de 140 metros de comprimento, com colunatas em três dos lados. A sul fica o salão de oração, um espaço maravilhoso com os seus três corredores abertos numa floresta de mais de 60 pilares, todos a complementarem um mirabe ricamente ornamentado. Na nave central encontramos uma grandiosa cúpula de chumbo, erguendo-se orgulhosamente acima da cidade e comparada pelos locais à cabeça de uma águia poderosa; Ibn Jubayr ficou entusiasmado por poder subir ao espaço do telhado e apregooou que se tratava de «um espetáculo que deixa os sentidos em polvorosa (...), estupenda, de tão milagrosa construção (...), mais espantosa do que outras maravilhas do mundo».⁶⁷ A mesquita era ainda um espaço social, com o pátio e o salão a receberem grupos de locais e de peregrinos, que falavam, escutavam e aprendiam, à semelhança do que ainda hoje se faz. Por cima da entrada do salão de oração principal, os mosaicos dourados, verdes e azuis, que representam edifícios, árvores e rios, continuam a refulgir ao sol da tarde. Este espaço era ocupado ainda com uma fonte para abluções, o edifício do tesouro datado do século VIII, também coberto por mosaicos, e um engenhoso relógio de água (já desaparecido). Mas eram os pregadores que ocupavam o papel central, homens vindos de todo o mundo islâmico, desde a Península Ibérica à Ásia ocidental, que representavam as diferentes escolas rivais de jurisprudência sunita e se dirigiam ao público a horas específicas, sobretudo durante as orações de sexta-feira, mas que também ensinavam, debatiam e estudavam. As mesquitas eram locais de educação sobre religião, gramática, direito, lógica e história.⁶⁸ O sermão de sexta-feira era o momento ideal para divulgar notícias, bem como para proporcionar instrução religiosa, sobretudo acerca do desenvolvimento da guerra santa. Nesse momento, e também em reação a outros sermões, o público podia responder, questionar, assimilar e disseminar o que havia escutado.⁶⁹

Como é óbvio, havia outras mesquitas em Damasco; Ibn Asakir, um clérigo e autor de então, referiria 242 no interior das muralhas. Não se tratava apenas dos edifícios grandiosos patrocinados pela elite política, podendo

também ser instituições muito mais humildes, financiadas por artesãos, como por exemplo carneiros ou vendedores de camelos.⁷⁰ As madraças foram alvo de uma enorme expansão com Nur al-Din. No início do seu período no poder havia 16 madraças nos seus territórios; aquando da sua morte, em 1174, haviam sido acrescentadas outras 56. Os *khanqahs* — edifícios que albergavam místicos sufis, ascetas que viviam em comunidades e que rezavam e entoavam cânticos — também se desenvolveram. Durante a sua permanência na cidade, Ibn Jubayr observou alguns desses homens santos a ouvir música e a atingir «um estado abstrato de arrebatamento».⁷¹

Damasco era mais do que um centro religioso. A cidadela era um complexo retangular formidável no canto noroeste da cidade, servindo tanto de base para o governo, contendo, por exemplo, um tesouro e uma prisão, como de aquartelamento para os soldados que travavam a contracruzada. Nur al-Din reforçaria em breve as defesas, fortalecendo as muralhas e fortificando algumas das torres e a casa do portão, que receberia uma pequena mesquita.⁷²

A pena elogiosa de Ibn Asakir dá-nos um vislumbre da vida diária da cidade que Saladino ficaria a conhecer tão bem.⁷³ Em tão denso ambiente urbano, a provisão de água era essencial, com os damascenos a orgulharem-se dos complexos sistemas de canais, com mais de uma centena de canais secundários a levarem água aos banhos, às mesquitas e *khanqahs*, às casas e aos jardins, e ao comércio, bem como às latrinas públicas. O ar limpo e a água potável eram marcadores importantes do estatuto de uma cidade, com Damasco a afirmar-se confiantemente nestes aspetos. Tal como nos diz o Corão, a água é uma dádiva de Deus, e um hádice frisa que não há maior esmola do que oferecer um pouco de água a beber. Os banhos eram locais dignos de nota por serem onde se realizavam as abluções rituais, essenciais à prática religiosa. Eram geridos por um senhor da casa, contando com quem dava banho, um transportador de água, um limpador e alguém que aquecia a água. No tempo de Nur al-Din havia uma casa de banhos pública por cada seis mesquitas e o amã por ele fundado ainda existe nas profundezas da cidade velha de Damasco, oferecendo uma experiência vigorosa aos visitantes atuais.⁷⁴ As fontes garantiam maneira de refrescar quem por elas passava, bem como uma forma de limpar as ruas; as retretes públicas eram abundantes, um grande contraste com o Ocidente contemporâneo. Em Damasco, em meados da década de 1180, existiam nada mais nada menos do que 40 casas de banho públicas, com uma de 30 lugares a merecer elogios rasgados de Ibn Jubayr.⁷⁵

Ao afastar-se das artérias principais e dos edifícios de pedra mais grandiosos, o visitante seria levado por ruas e passagens bem mais estreitas, chegando a mesquitas, madraças e mercados mais pequenos. Na metrópole, a

gama de negócios era considerável; sabemos de mercados principais de fruta, trigo, cereais e legumes, suplementados pela presença dos cambistas necessários para lidar com as várias moedas usadas nas rotas comerciais do Próximo Oriente.⁷⁶ Outros produtos alimentares contavam igualmente com bairros especializados, como por exemplo o açúcar e a carne assada, o iogurte e o queijo. Os mercados de vestuário de chapéus e peles eram afamados, bem como os bairros que lidavam com produtos mais exóticos, como perfumes, pérolas, pássaros, novidades, presentes e gelo. Alguns destes pequenos enclaves também ofereciam banhos, e daí o Banho dos Pescadores de Pérolas ou o Banho dos Queijeiros. Os ruídos e os cheiros característicos de cada rua, a par do amontoado de comerciantes, peregrinos, clérigos e soldados, criavam uma comunidade enérgica que impressionava os turistas contemporâneos; Ibn Jubayr considerou os mercados como sendo «os melhores do mundo».⁷⁷

Os autores também comentavam outras instituições essenciais, como por exemplo orfanatos. Estes podiam ser locais de ensino, com Ibn Jubayr a observar com agrado que, em contraste com a sua pátria espanhola, os meninos damascenos decoravam o Corão e praticavam a escrita através da poesia. Assim, caso cometessem um erro, este não profanaria o texto sagrado.⁷⁸ A produção de livros era, sem dúvida, estimulada pelas instituições religiosas apoiadas por Nur al-Din, com a literatura, tanto sagrada como secular, a ser um bem de primeira necessidade no distrito al-Kallasa de Damasco, onde havia um mercado de livreiros todas as sextas-feiras. A caligrafia arrebatadora em vários dos textos sobreviventes é testemunho da competência e da técnica de alguns desses artesãos. Esta arte era igualmente praticada por mulheres; Ibn al-Athir registou com mágoa o falecimento de Shuhda, conhecida como Fahkr al-Nisa, que significa «Orgulho das Mulheres», afamada calígrafa. A produção de livros é também sinal da existência de bibliotecas, bem como um estímulo para a sua criação; quando comparado com o Ocidente dessa época, o Próximo Oriente era uma sociedade imensamente letrada, com o catálogo sobrevivente de uma biblioteca aiúbida posterior a dar-nos um vislumbre extraordinário deste mundo.⁷⁹

Um belo exemplo da contribuição de Nur al-Din para o bem-estar do seu povo ainda existe na cidade velha: o seu *bimaristan*, ou hospital, fundado em 1154. As magníficas portas de madeira, cravejadas com pregos de bronze que formam padrões astrais geométricos, anunciam uma instituição de grande prestígio. As portas foram concebidas por um homem conhecido como al-Muhandis (o geómetra), carpinteiro, mação, autor científico e literário, e um homem que ensinava hádice, gramática e poesia; tratava-se de uma combinação poderosa, não destoando de muitos dos integrantes das classes

criativas do Próximo Oriente.⁸⁰ Uma alta fachada *muqarnas* (composta por pequenos prismas que formam uma estrutura em estilo favo de colmeia) agiganta-se sobre esta entrada, atraindo o visitante para um oásis de calma depois da energia vibrante dos mercados exteriores. Após um percurso debaixo de uma espetacular abóboda quadrada de *muqarnas* descendentes, atravessadas por luz natural, o visitante chega a um pátio dominado por uma piscina retangular rodeada por quatro *iwans*, estruturas arqueadas que dão acesso a salas para funcionários e pacientes. Um autor do século XIII que estudou e trabalhou no edifício registou que Nur al-Din fez questão que o hospital com o seu nome fosse dotado de numerosos textos médicos, indicando, mais uma vez, a importância que o governante lhe atribuía, bem como que se tratava de um local de estudo, a par da cura física e espiritual. A instituição acolhia homens e mulheres, e contava ainda com um espaço para quem padecia de problemas mentais, bem como com uma biblioteca e uma sala de aulas. O edifício manteve-se como hospital até finais do século XIX, quando se tornou um orfanato feminino; atualmente é um museu.⁸¹

Nem toda a cidade era composta por belos edifícios; muitas das casas menores eram feitas de lama e junco, o que as tornava extremamente vulneráveis ao fogo. Igualmente essenciais eram os espaços públicos. Certas zonas a sul da cidade muralhada continham as flores perfumadas e as árvores do Jardim do Gato. A noroeste, em ambas as margens do rio Barada, havia dois grandes espaços abertos «tão verdes que pareciam rolos de brocado de seda, cercados por um muro com o rio entre eles, e, a limitá-los, uma vasta mata de choupos cria um panorama deveras agradável». Estes hipódromos prestavam-se ao tiro com arco, corridas de cavalos e ao polo, uma paixão partilhada por Nur al-Din e por Saladino. Embora aquele tivesse a reputação de ser bastante austero, não era completamente desprovido de um lado mais leve, e tal era a sua paixão por polo que Imad al-Din (secretário de Nur al-Din e posteriormente de Saladino) escreveu que «ele saía amiúde no escuro e jogava à luz das velas ao nascer do dia, e Saladino juntava-se a ele todas as manhãs. Conhece a etiqueta do jogo no campo e as regras aceites».⁸²

A elite social das tribos curdas e turcomanas era criada em selas, com o ambiente aguerridamente competitivo do campo de polo a ser uma das formas de recreação preferidas, ao mesmo tempo que servia para encorajar as competências equestres, essenciais para a guerra nesta época.⁸³

A tomada de Damasco por Nur al-Din serviu para consolidar marcadamente o seu poder. Pela primeira vez desde a criação do Oriente latino, as cidades de Alepo, Mossul e Damasco encontravam-se sob a alçada da mesma família, os Zênquidas, o que representava um grave aumento do risco para os

francos. Com Damasco bem controlada, o conflito com os cristãos tornou-se mais agressivo. Na sequência da derrota de uma força franca no Norte, em 1156, as cabeças dos mortos foram enviadas para Damasco e exibidas em procissão pela cidade.⁸⁴ As tréguas estabelecidas subsequentemente foram úteis para ambos os lados, mas quando os cristãos, nesciamente, chacinaram árabes e turcomanos que apascentavam os cavalos e o gado, perto de Baniyas, Nur al-Din ficou lívido, em parte devido à quebra do acordo, mas também porque isso em pouco abonava as suas credenciais enquanto governante. Na primavera de 1157 tiveram início os preparativos para uma campanha contra «os malditos inimigos de Deus». Para isso tratou-se de engalanar a cidadela e o palácio real com espadas, lanças, proteções e escudos; com armaduras capturadas aos francos e com estandartes, bandeiras, tambores e trompas. Ou seja, uma exibição simbólica das armas de guerra, os meios através dos quais o conflito seria levado até aos infiéis. Ibn al-Qalanisi escreveu que esse tipo de cerimónia era inaudito em Damasco (e ele pertencia a uma família estabelecida na cidade), mas serviu para entusiasmar a população, que se amontoou para observar o espetáculo e para manifestar a sua admiração.⁸⁵ O resultado da mostra ficou patente em finais de abril, quando, após uma vitória esmagadora contra as forças de Jerusalém, Nur al-Din declarou um feriado público. Mais uma vez foram exibidas as cabeças dos mortos, os prisioneiros e o equipamento capturado, para grande deleite dos habitantes de Damasco, e, tal como escreveria Ibn al-Qalanisi, dando provas do castigo imposto por Deus aos indignos politeístas.⁸⁶

A guerra santa de Nur al-Din começava a ganhar ímpeto. Shirkuh comandou um grande contingente de guerreiros turcomanos, segundo se dizia ansiosos por fazer a *jihad*, enquanto na cidade de Damasco um apelo público a voluntários para o combate foi recebido com entusiasmo por jovens, sufis, advogados, etc. Uma vitória expressiva contra as forças do reino de Jerusalém no vau de Jacó, a norte do mar da Galileia (mar de Tiberíades), em junho de 1157, traria a oportunidade de refinar ainda mais o formato do desfile de vitória. Desta vez, os cavaleiros francos capturados foram montados a pares em camelos, acompanhados por um estandarte desenrolado decorado com o escalpe dos mortos. Os castelhanos mantiveram-se a cavalo, de armadura e elmo, mas foram obrigados a empunhar estes estandartes grotescos; os homens de classe inferior, como os soldados de infantaria e os turcópulos, eram amarrados em grupos de três ou quatro e arrastados pelas ruas. Também se exibiam grandes quantidades de equipamento, incluindo algo que era curiosamente descrito como «a igreja deles, com o seu famoso instrumento».⁸⁷ Os sinais do apoio de Deus e a humilhação dos francos estavam na ordem do

dia. A linguagem do conflito religioso inflama-se nos escritos de Ibn al-Qalanisi. Nur al-Din incitou que se proclamasse que o povo de Damasco deveria entregar-se à *jihad* e combater os francos, «os promotores da heresia e do politeísmo». ⁸⁸ Os muçulmanos mortos em combate eram elevados a mártires.

A extensão geográfica dos seus domínios viria, inevitavelmente, a exigir a presença de Nur al-Din no Norte, onde o principado franco de Antioquia e vários ataques por parte do sultão turco de Icônio representavam grandes riscos. Por mais forte que fosse enquanto guerreiro, em outubro de 1157, Nur al-Din foi acometido por uma febre grave. Aparentava ser fatal, pelo que convocou o irmão, Nusrat al-Din, a par de Shirkuh e de outros dos emires mais destacados. Entregou Alepo ao irmão e determinou que Shirkuh, enquanto seu tenente, deveria manter Damasco. ⁸⁹ Com a doença a agravar-se, Nur al-Din foi transportado para Alepo de liteira, com Shirkuh a dirigir-se para sul de modo a proteger Damasco na eventualidade de os francos procurarem aproveitar os acontecimentos. A crise viria a passar, mas Nur al-Din precisou de alguns meses para recuperar. Nessa altura, Shirkuh regressou ao Norte para se juntar a ele em Alepo, para «a guerra santa contra os inimigos de Deus». Ibn al-Qalanisi comenta como Shirkuh foi recebido com honras e elogiado pelo seu fervor; o guerreiro aiúbida chegara bem longe com as cores zênguidas. Fora uma transformação impressionante para uma família que precisara de procurar refúgio com Zengui, em finais da década de 1130. Duas décadas mais tarde, a sua figura principal era agora o mais fiel tenente de Nur al-Din, encarregue da governação de uma das maiores cidades do Próximo Oriente. Isso revelava adaptabilidade, a par de talento militar e diplomático; um magnífico exemplo para o jovem Saladino.

A diplomacia também tinha o seu lugar, sobretudo quando o adversário era particularmente forte, ou no caso de várias ameaças simultâneas. A chegada do imperador bizantino Manuel Comneno (r. 1143-80) ao Norte da Síria, no início de 1159, causou pânico generalizado entre os poderes locais, fossem eles franco, arménio ou muçulmano. O Império Bizantino, de credo ortodoxo grego, já passara, havia muito, o seu auge, mas, em termos contemporâneos, representava ainda uma entidade de grande peso, com Manuel a desejar restabelecer parte da autoridade religiosa e política gozada pelos antecessores. ⁹⁰ Dado o poder óbvio dos gregos, Nur al-Din, num gesto prudente, libertou alguns cativos das prisões de Alepo. Um certo número encontrava-se aí desde a Segunda Cruzada, uma década antes, com outros a serem recém-chegados, como no caso do mestre dos Templários, vindo da Batalha do Vau do Jacó. Os Templários eram os monges guerreiros que haviam jurado defender os territórios cristãos dos muçulmanos e que seriam dos mais mortíferos inimigos

de Saladino. Em resposta à libertação do prisioneiro, o imperador grego enviou mantos, joias, uma tenda de brocado (objetos de grande valor, dado o tempo passado em campanha pelos governantes de então) e muitos cavalos. De maior préstimo para Nur al-Din era a aliança contra os inimigos mútuos, os seljúcidas da Ásia Menor, embora alguns problemas em Constantinopla tivessem obrigado Manuel a regressar a casa.⁹¹ Após a insegurança provocada pela sua doença, Nur al-Din quis marcar a resistência bem-sucedida frente ao imperador com um grande festim para os seus comandantes e guerreiros.⁹²

Seguiu-se um breve período de acalmia, sobretudo devido à morte de uma série de atores centrais da trama. O califa de Bagdade faleceu em março de 1160, depois de um reinado de 24 anos. Um mês antes, o califa fatimita de 11 anos, que era o seu homólogo xiita, morrera no Cairo, deixando o vizir Ibn Ruzzik encarregue de escolher o jovem al-Adid como seu sucessor. Contudo, Ibn Ruzzik alienara grande parte da nobreza egípcia, vindo a ser assassinado em setembro de 1161. O vizirado, que por esta época era a verdadeira autoridade política e militar no Egito, tornou-se alvo de acesa contestação. O estado fatimita já era vulnerável, mas quando esta luta de poder interna começou a expandir-se, vindo a envolver os francos e a Síria muçulmana, as ramificações foram imensas. Tal instabilidade proporcionou a estes vizinhos ambiciosos a oportunidade de transformarem o seu estatuto e, potencialmente, virem a alcançar a supremacia.⁹³

A luta pelo Egito dominaria a cena militar no Levante durante décadas. De forma muito simples, quando comparado com a Síria ou com o reino de Jerusalém, o Egito era de uma riqueza fabulosa. Alexandria era, de longe, o maior porto comercial mediterrânico para as rotas chegadas do Magrebe, do mar Vermelho, da Índia, da África subsariana e das minas de ouro da África Ocidental. Era apelativo para os mercadores cristãos de Bizâncio e para as cidades italianas de Veneza, Génova e Pisa, abastecendo ainda os mercados mais próximos da Síria e do Oriente latino. O historiador franco contemporâneo Guilherme de Tiro oferece-nos esta brilhante descrição de Alexandria e, por extensão, das riquezas do Egito:

A localização de Alexandria é sobremaneira conveniente para a prática do comércio. Tem dois portos separados um do outro por uma língua de terra muito estreita. No final dessa língua ergue-se uma torre de imensa altura chamada Pharos. Alexandria recebe pelo Nilo uma grande quantidade de produtos alimentares vindos do Alto Egito, bem como uma panóplia de outros bens. Qualquer coisa que lhe falte é trazida em abundância

por navios desde as terras do outro lado do mar. Alexandria tem, assim, a reputação de receber uma maior quantidade de produtos do que qualquer outra cidade costeira. O que falta em pérolas, especiarias, tesouros orientais e produtos estrangeiros é trazido das duas Índias; de Sabá, da Arábia e de ambas as Etiópias, bem como da Pérsia e de outras terras próximas (...). Chegam pessoas em grande número vindas do Oriente e do Ocidente, com Alexandria a ser um mercado público para ambos os mundos.⁹⁴

Isto estaria à disposição de quem assumisse o poder sobre o Egito, a par da capacidade de dominar o Mediterrâneo oriental. Um dos candidatos ao vizirado era Xauar, antigo governador do Alto Egito, que assassinara o sucessor de Ibn Ruzzik e se apoderara do dinheiro e das posses do clã. A emergência do rival Dirgham levou Xauar a fugir para a Síria, em busca de auxílio na corte de Nur al-Din — ou seja, dando ao governante damasceno um livre-trânsito para os assuntos egípcios. Entretanto, Dirgham estabeleceu-se como vizir do Egito, embora matasse muitos outros emires ao consolidar a sua posição, privando-se de um grande nível de experiência com liderança e aumentando a vulnerabilidade do regime a longo prazo. Entretanto, a curto prazo, um potencial adversário — o reino de Jerusalém — também estava a braços com um problema de sucessão. A 10 de fevereiro de 1163, com apenas 32 anos, Balduíno III morreu de disenteria sem deixar descendência. O trono passou para o irmão, Amalrico, um homem alto e obeso, de cabelo louro ralo e disposição taciturna. Não obstante, era um governante enérgico e proativo, que viria a enfrentar diretamente os seus numerosos adversários.⁹⁵

Foi para este palco político mais vasto que subiram os aiúbidas. Pouco ou nada se sabe acerca das atividades de Saladino nesta altura. Em 1160, o tio Shirkuh decidiu fazer a *haje* até Meca, o dever de todos os muçulmanos pelo menos uma vez na vida.⁹⁶ Enquanto jovem nobre na corte, provavelmente sediado em Damasco, Saladino dedicar-se-ia a jogos de polo e à caça. É descrito como sendo um indivíduo despreocupado, num contraste com a sua posterior devoção e austeridade pessoal. Seria lógico para ele fazer parte de alguma expedição militar da época e sabemos que se juntou a Shirkuh, que parece ter tido um espírito bastante mais marcial do que o pai de Saladino, numa visita a Alepo no início da década de 1150. Saladino teria assistido à procissão de prisioneiros francos por Damasco e sido exposto à crescente intensidade da propaganda pela *jihad*, tanto através de sermões como pelo ambiente físico em torno da cidade.

Foi neste clima religioso e político que Saladino cresceu. O seu clã curdo mudara-se da Jazira rural para a Síria, com maior densidade populacional, e para a grande cidade de Damasco. Através da competência militar e administrativa, bem como da ligação a dois patronos poderosos e bem-sucedidos, haviam progredido cada vez mais. Isto, por sua vez, havia-lhes permitido exercer apoio aos seus familiares e apoiantes. De um modo geral, as complexidades do Próximo Oriente muçulmano estavam omnipresentes, embora a crescente autoridade de Nur al-Din houvesse, pelo menos, conseguido juntar um número razoável de povoações, regiões e grupos sob a mesma alçada, e o Império Zênghida estivesse a ganhar forma. A natureza poliglota da região, bem como a sua história recente rica e complexa, haviam levado a que os habitantes se tivessem habituado a uma sucessão de líderes novos que eram, amiúde — tal como no caso dos Zênghidas —, forasteiros. Os cristãos arménios e bizantinos também eram forças a ter em conta, tal como os francos, pelo prisma da guerra santa. Não obstante, a ligação ao califado sunita não implicava apenas a luta contra os cristãos, mas, por vezes, e ainda com mais intensidade, contra os xiitas (também eles com bastantes subdivisões), considerados hereges pelos sunitas e, logo, alvos apropriados. Num contexto moderno, empreender uma *jihad* ou uma cruzada tende a indiciar extremismo, um conceito que, pela sua natureza, é um marcador da inflexibilidade. Claro que no contexto da Síria e da Terra Santa do século XII seria um erro pressupor tal rigidez. A atmosfera política estava saturada com tréguas, alianças, acordos, traições, cooperação e ambição dinástica, o que dava oportunidades e flexibilidade a todos. Foi nesse ambiente que Shirkuh e os aiúbidas conseguiram transformar o seu destino.